

**Aida Alves  
Manuel Gama**

**José Marques Fernandes  
Fernando Machado**



# **LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA**

**Pensamento, Obra,  
Personalidade, Ação**



# **50**



UMinho Editora

#### COORDENAÇÃO DO VOLUME

Aida Alves

Manuel Gama

José Marques Fernandes

Fernando Machado

#### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Manuela Martins

CAPA

UMinho Editora

PAGINAÇÃO

Carlos Sousa | Talento & Tradição

IMPRESSÃO e ACABAMENTOS

Papelmunde

EDIÇÃO UMinho Editora

LOCAL DE EDIÇÃO Braga 2024

DEPÓSITO LEGAL Nº 527616/24

ISBN digital 978-989-9074-14-9

ISBN impresso 978-989-9074-13-2

DOI <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.140>

Não foi imposta a utilização do novo acordo ortográfico aos autores.

Os conteúdos apresentados (textos e imagens) são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.

© Autores / Universidade do Minho – Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização expressa dos autores.

Lúcio Craveiro da Silva

PENSAMENTO, OBRA, PERSONALIDADE,  
AÇÃO

# SONDANDO A ESTÉTICA EM LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA

**Carlos Bizarro Morais**

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais  
da Universidade Católica Portuguesa

O presente contributo não é mais do que um levantamento inicial, acompanhado de uma reflexão simples e meramente exploratória, de uma hipótese hermenêutica sobre um traço de pensamento – e mais subjetivamente, também de personalidade – do Professor Lúcio Craveiro da Silva, movidos pela admiração e respeito pela sua pessoa, pela sua obra e pelo seu pensamento, pelo seu magistério, em suma, pelo seu exemplo de vida.

Privámos com o Professor Lúcio durante muitos anos, quer por circunstâncias institucionais e académicas, na Faculdade de Filosofia de Braga, da UCP, como inolvidável Diretor, quer numa amizade com laços de eternidade, para a qual muito contribuíram as visitas frequentes ao nosso torrão natal, bem no centro da Cova da Beira, junto à Serra da Estrela que ele glosou em sublimes versos.

E o que nos traz a esta evocação e ao exercício da ousadia anunciada no título prende-se, diretamente, às memórias dessas viagens Braga-Covilhã-Braga, e de como nelas entretecíamos socráticos diálogos, numa memorável familiaridade, em plena espontaneidade, nos quais afluíamos, do mundo, tudo o que podia caber em cada uma dessas jornadas. Por isso, este texto possui, também, um carácter testemunhal.

É importante, então, contextualizar que, estando, nessa fase, mergulhados na elaboração da Tese sobre Estética, o Professor Lúcio, já preocupado em saber do estado da investigação, já porque o tema lhe agradava – algo que fomos paulatinamente descobrindo – pegava no assunto e sobre ele dissertava e dialogava, num puro momento de visível satisfação intelectual, ligando a

omnipresente questão da beleza ao sentimento e à razão, ao poder misterioso da arte e sobretudo da poesia, à filosofia portuguesa cheia de poesia e ensaístas, à beleza natural da paisagem que ia sinalizando como elemento da cultura, sem esquecer a beleza da vida, sempre concreta mas sempre insondável...

E nessas lucubrações, sublinhava com frequência, a importância filosófica de tais matérias, exemplificando com a filosofia kantiana, “o Kant da Terceira Crítica”, que ele fazia questão de precisar. Felizmente, o autor com que então mais nos ocupávamos – o fenomenólogo Mikel Dufrenne – permitia-nos uma boa ligação a esse visionário filósofo de Königsberg, que tanto sublinhou a faculdade de julgar o belo, assente – note-se, pois era coisa que na altura nos surpreendia ser do agrado do Professor Lúcio – na primazia do sentimento de prazer puro, enlaçado à dança da imaginação com o entendimento!

Ora, pondo de lado, agora, os trâmites pessoais dos nossos diálogos, importa partilhar que, destes encontros, sempre ficou na nossa mente uma interrogação latente sobre qual a verdadeira importância e lugar que a área da Estética tinha, afinal, no seu pensamento, na sua arquitetura filosófica. Pois nos parecia um tanto surpreendente que, sendo a sua obra e os seus escritos, como sabemos, dedicados prioritariamente a outros domínios da cultura, da ética, da política, da economia, do pensamento português..., que não os da arte e da Estética, tínhamos, contudo, a intuição de que tais matérias talvez não estivessem tão ausentes nem fossem tão secundárias no labor científico do Professor Lúcio, na sua investigação e reflexão mais sistemática: estariam elas presentes, ainda que nos bastidores, nas entrelinhas dos outros grandes temas?

Aqui emerge a pergunta de arranque: afinal, teria Lúcio Craveiro da Silva tomado como objeto de estudo tais problemáticas de que tão vivamente nos falava?

Movidos pelo fio desta curiosidade, viemos de facto a situar, com a inestimável ajuda da excelente bibliografia organizada pelos investigadores Luís Morgado e Henrique Barreto Nunes<sup>1</sup>, em diversos trabalhos do Professor Lúcio uma interessante rede temática que concentra matéria de interesse estético-filosófico, sobretudo publicados nos finais da década de 30 e anos 40. Numa primeira olhadela, pareceu-nos que o estudo crítico destes trabalhos

---

<sup>1</sup> Cf. Morgado, Luís Gonzaga e Nunes, Henrique Barreto (1994).

poderá dar um contributo importante, não apenas para uma releitura do labor filosófico de Lúcio Craveiro da Silva, como também para uma mais completa perceção do debate nacional, quando já se faziam presentes entre nós as doutrinas estéticas modernistas e as correntes artísticas que desasossegavam a tradição e o classicismo, tanto no domínio das artes literárias, musicais, plásticas e visuais.

A essa luz, consideramos que será um trabalho de grande interesse filosófico e cultural, identificar, articular e desenvolver as posições argumentativas então assumidas pelo Prof. Lúcio, bem como a questão do significado e interesse da Estética que, no seu pensamento, decorre da premissa antropológica, da qual a Filosofia deve necessariamente ocupar-se, dada a sua “situação privilegiada nos caminhos do saber e das virtualidades humanas da existência”, inferindo, então, que o ser humano “carece de beleza e a filosofia liga-se às artes e à poética pela Estética”<sup>2</sup>.

Desse conjunto de trabalhos, gostaríamos de respigar um breve apontamento que nos ambienta à atmosfera de frontalidade intelectual de Lúcio Craveiro da Silva, onde o juízo valorativo jamais abdica, mas que é também um juízo de grande abertura à novidade e ao que dela pode advir de positivo.

Este respigo diz respeito, em especial, ao argumento que o Professor Lúcio defende no texto “Nótulas de estética camoniana. Os *Lusíadas* como epopeia”<sup>3</sup>.

Está aí em causa a discussão do fundamento da beleza da nossa obra maior, os *Lusíadas*. O Prof. Lúcio identifica as opiniões erróneas e confusas que têm alimentado o debate, apontando a falha: precisamente a ausência “de um esboço digno de valia, de uma interpretação estética dos *Lusíadas*” (Silva, 1941, 117). Para tal, o primeiro passo consistirá em entender bem o conceito de epopeia, tarefa que nem Fidelino de Figueiredo nem Alfredo Pimenta, os dois críticos desta matéria que Lúcio Craveiro da Silva destaca, resolveram devidamente por não terem esclarecido previamente o lugar e o sentido do mito e do maravilhoso que convêm à epopeia. Por isso, o Prof. Lúcio propõe um outro conceito diferente de epopeia: um poema narrativo que tem como

<sup>2</sup> “Faculdade de Filosofia, hoje” (1993) - Conferência proferida nos 25 anos da Universidade Católica na Faculdade de Filosofia de Braga, in: SILVA, Lúcio Craveiro da, *Ensaios de filosofia e cultura portuguesa*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1994, 272.

<sup>3</sup> Texto de 1941, in *Ensaios de filosofia e cultura portuguesa*, 117-130.

elementos essenciais o *heroísmo* e o *maravilhoso*, este num sentido alargado, “que abranja todas as atividades engrandecedoras e transformadoras da *imaginação* (mitologia, alegorias, maravilhoso cristão, magia, etc)” (Silva, 1941, p. 120). Acrescenta a estas condições a necessidade de uma forma capaz de albergar, também ela, uma expressão alargada.

Temos já aqui matéria para se filosofar, do ponto de vista estético e literário, sobre o que determina a beleza de uma obra de arte, como é o poema épico dos *Lusíadas*. Porém, o estudo do Prof. Lúcio coloca-nos perante a necessidade de um outro plano de realidade da beleza, bem acima da fenomenalidade. A essa luz superior, as obras, os poemas, as epopeias, para adquirirem o seu autêntico valor estético, devem “conformar-se com a lei suprema da beleza que prescreve a *unidade* e a *variedade* num todo dinâmico” (Silva, 1941, p. 120). Sublinhamos: unidade e variedade, e o que nos surpreende não é o quesito da unidade, mas o da variedade, que o Prof. Lúcio transpõe para dentro da própria unidade e não apenas como correlato desta. E assim, a unidade de ação, do herói, de interesses, etc., que emergem nos *Lusíadas*, surgem precisamente como unidades refundidas, como ele diz, matizando numa fórmula inteligente: “um pouco fora dos preceitos tradicionais” (Silva, 1941, p. 121). Uma avaliação arrojada que, no essencial, põe em destaque as limitações de uma certa estética do classicismo, a que Lúcio Craveiro já anteriormente se referira:

*De facto, as normas clássicas impediam os livres jorros da imaginação e da paixão, porque os queriam sempre temperados pela norma do homem superior que se domina, e tendiam por isso a tentar a exploração das virtualidades da poesia no puro intelectual, no arguto encontro de ideias, na região das subtilidades* (Silva, 1939, p. 249).

O que Lúcio Craveiro da Silva valoriza é precisamente o facto de Camões expressar essa unidade aurida noutras fontes que não a que resulta dos habituais “formalismos frios de imitação servil das epopeias antigas” (Silva, 1941, p. 121)! Este olhar diferente sobre a propriedade da unidade de uma obra de arte é, quanto a nós, um apontamento de grande interesse teórico para os capítulos de uma estética da criação e uma estética do juízo, para além das consequências que ela comporta para a valorização crítica dos

*Lusiadas*, em particular, pois está muito além daquilo que os referidos críticos atingiram.

Também é filosoficamente muito produtiva a análise que Lúcio Craveiro da Silva faz do maravilhoso, do imaginário, a pretexto da crítica negativa que alguns tinham lançado à mesma Obra. Então, vemos o Prof. Lúcio empenhado em mostrar que, esteticamente, é fundamental interpretar simbolicamente a mitologia – algo que para nós é hoje um dado adquirido, mas nos anos 40 se considerava incoerente e carnavalesco pôr em diálogo os deuses da mitologia pagã e Deus-Criador, Cristão. Ora, o Prof. Lúcio valoriza que Camões tenha, precisamente, ousado essa adaptação: “usou a mitologia, cristianizando-a” (Silva, 1941, p. 127), afirma ele. E onde estriba ele essa decisão? Precisamente, na autonomia do sentimento, como sublinha o Prof. Lúcio:

*quando o sentimento artístico e cristão de Camões entendeu que devia deixar a alegoria e tomar a realidade, ou quando não se queria referir às forças da natureza, mas Àquele que as governa, já não lhe repugna, por isso, que preces feitas a Deus sejam despachadas pelos deuses, pois representam ou os anjos ou as causas segundas (as forças da natureza)* (Silva, 1941, p. 128).

O que nos surpreende, e mais nos impele nesta abordagem, é a atmosfera kantiana, em que Lúcio Craveiro da Silva parece colocar a adaptação da regra da unidade donde provém a beleza. Sublinhamos esta *adaptação*, bem como a margem de liberdade conferida à imaginação que abre a mitologia pagã a uma articulação autêntica com a fé cristã. E voltamos a sublinhar, agora, esta *autenticidade* da imaginação. Ora, se Kant havia estabelecido o jogo livre das faculdades do entendimento e da imaginação como marca distintiva do juízo estético sobre a beleza “pura”, também em Lúcio Craveiro encontramos similar preocupação por colocar a imaginação criadora bem no miolo da estrutura da atividade humana, contribuindo decisivamente para a qualificação de uma obra que pretende alcançar o estatuto de obra de arte. Veja-se, a propósito, o seguinte extrato do seu artigo “O classicismo e a ‘escola nova’ poética”:

*Para a literatura ser arte inteiramente humana, deve poder abranger todas essas virtualidades de acção: a inteligência com a lógica e o pensamento; a imaginação colorindo, dando corpo de beleza, humanando ideias; a vontade como força que encaminha a acção e escolhe os meios da arte literária; e finalmente o coração, exprimindo as vibrações ondeantes das paixões (Silva, 1939, p. 241).*

Parece-nos que Lúcio Craveiro tende, assim, a reposicionar o papel da imaginação, a valorizar o seu estatuto mediador, ou até mesmo a estabelecer uma relação mais *isonómica* entre as faculdades, posicionando-as numa justa e equilibrada articulação gravitacional em ordem à obra de arte, à sua coroação como obra bela, ou seja, no âmbito da atividade estética. E se a natureza da atividade humana, da vida, da realidade e da experiência dita um alinhamento hierárquico entre as faculdades, ainda no campo da arte, ela não porá em causa a livre harmonia da relação imaginação-entendimento, hierarquia sem despotismo nem servilismo de uma em relação à outra, tal como se depreende do extrato:

*A inteligência ganhará em utilizar-se da imaginação, recebendo corpo, relevo para ideias que doutro modo não poderiam passear no mundo dos corpos; a imaginação assume a nobilitante incumbência de ser a transmissora das ideias, dando-lhes arte e beleza (Silva, 1939, p. 241).*

Vale a pena ter presente que Lúcio Craveiro denuncia a estética da “escola nova” dos finais dos anos 30, por comportar a apologia da revolta contra este equilíbrio, materializada numa arte ao serviço “do Irracional e do Inconsciente”, no modernismo e no surrealismo, doutrinas que se servem exclusivamente do poder de uma imaginação totalmente solta, só ela capaz de descer ao fundo da personalidade mais interior, aprisionada “no centro do subconsciente” (Silva, 1939, p. 242) e consequentemente capaz de libertar o homem e de o devolver à sua condição originária, à sua “primitiva força e exuberância” (Silva, 1939, p. 242). Uma doutrina da arte que é pura ilusão, já que desperdiça, no fundo, todo o potencial da própria imaginação, num claro “desdém pela inteligência” (Silva, 1939, p. 243) e portanto, condenada

ao fracasso, o que não quer dizer que o seu assunto primordial, o subconsciente poético, não deva ser investigado.

Ora, a conjugação destes elementos, ainda que rapidamente por nós alinhados, leva-nos à questão heurística: até que ponto Lúcio Craveiro não está aqui a exercitar-se com os instrumentos teóricos da *Crítica da Faculdade de Julgar*, ou seja, do “seu” *Kant da Terceira Crítica*? Notemos a confluência que conduz à conclusão fundamental da validade universal de uma obra de arte: se Kant tematiza as condições pelas quais o juízo singular da beleza se legitima na sua validade universal, Lúcio Craveiro da Silva enraíza os *Lusíadas* na genialidade irreduzível da alma e do coração de Camões, para projetar a obra, muito além do estatuto de poema nacional, como Obra Universal, enquanto representa o máximo – como diz o nosso autor – da civilização europeia na época dos descobrimentos.

Em suma, arriscamos dizer que liberdade criativa e amplitude de reflexão crítica são dois traços que parecem aqui evidenciar a cumplicidade entre os dois autores: I. Kant e Lúcio Craveiro da Silva. Será apenas coincidência ou um sinal de uma afinidade profunda, que merece ser desenvolvida?

Aqui fica uma questão em aberto que, quanto a nós, reforça o extraordinário fôlego filosófico de Lúcio Craveiro da Silva, nome maior da Escola Bracarense.

## Bibliografia

- Morgado, Luís Gonzaga e Nunes, Henrique Barreto (1994), *Bibliografia de Lúcio Craveiro da Silva*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho.
- Silva, Lúcio Craveiro da (1939), “O classicismo e a ‘escola nova’ poética” in: *Ensaio de filosofia e cultura portuguesa*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1994, 239-249.
- (1941), “Nótulas de estética camonianiana. Os *Lusíadas* como epopeia” in: *Ensaio de filosofia e cultura portuguesa*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1994, 117-130.
- (1993), “Faculdade de Filosofia, hoje” in: *Ensaio de filosofia e cultura portuguesa*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1994, 267-277.